

O RÂMÂYANA

Jorge Bertolaso Stella

1. O Râmâyana , a épica que exalta os feitos (**ayana** — “viagem”) de Râma, consta de sete livros (kânda “secção”) de cerca de 24.000 çlokas ou estrofes, contidas em sete capítulos ou cantos (**sargas**). Seu autor foi Vâlmiki, de cuja existência não se deve duvidar, brahmane e **vânaprastha** = “habitante da selva”; cooperou para o renascimento do sânscrito e foi o glorificador de um herói nacional. A crítica, especialmente da parte de H. Jacobi, lhe atribui a paternidade dos livros II — VI, sendo o primeiro (I) e o último (VII) acréscimos. Mas mesmo os livros II-VI contêm matéria que não é propriamente de Vâlmiki, mas certa ampliação da parte dos bardos ou cantores das lendas de Râma.

2. A respeito do significado da façanha de Râma, a crítica moderna, considerando que Lankâ é a ilha de Ceilão, a interpretou especialmente como sendo a luta pela expansão dos árias na Índia meridional; outros querem ver nos demônios de Lankâ os budistas de Ceilão, oprimidos pela reação brahmânica; outros consideram um mito solar; outros finalmente, negando ao poema qualquer conteúdo alegórico, lhe atribuem porém um fundamento mitológico: em Râma tem-se no espírito Indra, em Sitâ, nascida da terra, o sulco personificado nas divindades protetoras da agricultura e dos frutos da terra.

3. Existem três revisões do Râmâyana: a mais difundida delas, Schlegel chamou imprópriamente setentrional, mas que deve ser chamada vulgata; Jacobi indicou-a com a letra C; a revisão bengálica ou gaudiana, como a chamou Garrezio que deu a tradução completa em 5 volumes, indica-a como a letra B; e finalmente a redação ocidental que é distinguida

com a letra A, Kashmiriana, conhecida somente nos manuscritos.

4. Deixando de banda os livros I e VII e as partes dos livros II-VI seguramente espúrias, julga-se que o Râmâyana tinha sua forma atual já no segundo século da era cristã, antes que o Mahâbhârata recebesse sua redação definitiva. Todavia, no que se refere ao núcleo fundamental dos dois poemas, o Râmâyana é provavelmente posterior. Os textos budistas não o conhecem, porém contêm indícios dos quais se pode concluir que havia cantos de bardos ou de qualquer modo de tipo **Âkyâna**, que se referiam à saga de Râma, da qual além disso têm-se, no Veda, somente raras referências. Não é improvável que as âkyânas, cantos dos feitos, que existiam há muito tempo e transmitidos pelos bardos, tenham sido difundidos e plasmados por Vâlmiki, talvez no IV ou III século a.C.

5. Damos o conteúdo do Râmâyana, em breves expressões :

Na cidade de Ayodhyâ (a atual Oudh), capital do país de Kosala, ao norte do Gange, reinava antigamente um poderoso rei, cujo nome era Daçaratha. Ele teve quatro filhos, narra o primeiro livro, de três mulheres : Râma de Kauçalayâ, no qual se encarnara o deus Visnú, Bharata de Kaikeyê, Laksmana e Satrugna de Sumitrâ. Dos quatro, Râma era o primogênito e o mais querido do pai. Precisando ver o rei chegou à cidade de Ayodhyâ o grande sacerdote Visvâmitra, o qual levou consigo Râma e Laksmana à côrte do rei Janaka do país de Videha. Este rei tinha uma filha chamada Sitâ a que daria em matrimônio somente à pessoa que soubesse manejar um arco maravilhoso que possuía. Vários pretendentes tinham tentado sem resultado. Por fim chegou Râma e disparou o arco de tal maneira que dissipou o ruído dos demônios. Daçaratha é informado do acontecido e celebram-se as bodas de Râma e Sitâ. Desejando Daçaratha colocar em seu lugar no trono, Râma, sua mulher Kaikeyi, instigada pela sua escrava concubina Mantharâ, obriga ao rei a cumprir uma promessa que lhe havia feito de conceder o primeiro pedido que ela lhe fizesse. E lhe pede que desterre Râma por quatorze anos e coloque em seu lugar no trono, seu filho Bharata. Daçaratha amargura-se, mas teve de aceder. Râma acompanhado da espôsa Sitâ e do irmão Laksmana vai para o destêrro. O pai morreu pouco tempo depois de tristeza. Bharata quer que o irmão

Râma governe, mas êste se recusa, desejando cumprir a determinação do pai. Diante dessa resolução, Bharata toma os sapatos de Râma e coloca-os sôbre o trono como verdadeiros regentes. Nos bosques Râma e Laksmana praticaram atos elevados e mataram muitos demônios e monstros. No fim de dez anos vão para a região do sul e ali Súrpanakhâ, irmã de Râvana enamorou-se de Râma. Êsse porém a recusa. Ela pretende então matar a Sitâ, porém Laksmana, considerado a segunda alma de Râma, lançou-se contra ela e lhe cortou o nariz e as orelhas. Râvana, irmão de Súrpanakhâ, resolveu vingar-se e usando de astúcia afasta Râma da espôsa e se enamora de Sitâ e a conduz no seu carro mágico para Lankâ. O rei dos pássaros Jatayu, presenciou o rapto de Sitâ e tudo fêz para impedir, mas Râvana o matou. No vôo Sitâ deixou cair alguns adornos na esperança de ser encontrada. Sugriva, o rei dos macacos, encontrou êsses objetos e mostrou-os a Râma, contando-lhe que a espôsa havia sido conduzida para a ilha de Lankâ, como prisioneira de Râvana. O ponderado Vibhisana, irmão de Râvana, pretendeu dissuadí-lo, dizendo que devolvesse Sitâ ao espôso. Porém Râvana o insultou e assim Vibhisana foi unir-se a Râma. Hanumat o ministro de Sugreva e Vibhisana se põem em caminho para a ilha de Lankâ. Os macacos constroem uma ponte sôbre o mar, penetram em Lankâ, que é Ceilão. Râvana, depois de grande batalha é morto por Râma e Sitâ é recuperada. Passados assim os quatorze anos do destêrro, Râma regressa a Ayodhyâ, onde Bharata lhe entrega o reino. Aqui termina o poema antigo. O livro sétimo continua com muitas digressões da história de Râvana. Levantando-se uma murmuração dizendo que Râma recebera a espôsa de novo sem saber se primeiro conservara sua inocência em casa de Râvana, Râma desterra Sitâ que dera à luz os gêmeos Kuça e Lava, a quem Vâlmiki lhes ensinara a epopéia. Finalmente prova-se a inocência de Sitâ, recebendo-a a terra de onde viera. Râma deixa o trono aos filhos e volta ao céu, tornando-se Visnu.

6. Râma é o verdadeiro religioso que nunca se queixa, sempre paciente quê se conforma com o destino, sempre fiel. Como Râma é o homem modêlo, assim é Vibhisana o demônio modêlo e Hanumat o macaco modêlo. Râma sendo uma encarnação do deus Visnu foi venerado como um semideus. Por essa razão o Râmâyana tomou um caráter sagrado. Assim se lê no primeiro canto, que naturalmente não é de Vâlmiki :

“Quem ler esta pura história de Râma, destruidora do pecado, santa com os Vedas comparável, estará livre de todo o pecado”.

“O homem que ler esta obra narrativa (âkhyâna), que dá vida, o Râmâyana, será feliz no céu com seus filhos e filhos de seus filhos e todos os seus chegados depois da sua morte”.

“O brahmane que ler esta obra será eloqüente; o rei alcançará poderio sobre a terra; o comerciante fará com as suas mercancias bom negócio e o çûdra mesmo chegará a ser illustre”.

7. Nenhum poema na Índia atingiu a celebridade do Râmâyana e para os escritores posteriores como Kâlidâsa e Bhavabhûti, serviu como modelo de obras poéticas. Vâlmiki foi chamado o primeiro poeta da arte, **âdikavi** e o Râmâyana foi definido o primeiro poema artístico, **âdikavya**.

As edificantes descrições da natureza, a elevação das imagens poéticas e sobretudo a pureza que constantemente anima Râma, a espôsa e o irmão, fazem justamente considerar a épica de Vâlmiki uma das mais altas concepções poéticas do gênio humano. Sendo assim não admira que se cumprisse a profecia do deus Brahmâ a Vâlmiki: “Enquanto permanecerem firmes os montes e os rios sôbre o solo terrestre, assim por longo tempo a narrativa do Râmâyana irá circulando entre os homens”.

BIBLIOGRAFIA

DE GUBERNATIS A. — *Letteratura Indiana*. Milanc, 1883.

CANEDO J. — *Resumen de Literatura Sânskrita*. Madrid, 1942.

PISANI V. — *Storia delle Letterature antiche dell'India*. Milano, 1954.

BALLINI de Vaulauri M. — *Lineamente d'una Storia delle Lingue e della Letterature antica e medievale dell'India*. Roma, 1943.

HENRY V. — *Les Litteratures de l'Inde*. Paris, 1904.

SUALI S. — *Letteratura dell'India antica* in “Le Civiltà dell'Oriente”. Roma, 1957.

SCHOELEL Ch. — *Le Râmâyana au point de vue religieux, philosophique et moral*. Paris, Annales Musée Guimet, 1888.

TEAUCHE — *El Râmâyana*, traduzido por J. Guixé, Buenos Aires.